

MUNDO

“Dever moral” de abrir escolas leva Governo britânico a ignorar estudo

Reino Unido
António Saraiva Lima

Investigação que diz que a transmissão da covid-19 é reduzida entre crianças, afirma que adolescentes contagiam como adultos

O Governo do Reino Unido está determinado em avançar com o plano de reabertura de todas as escolas de Inglaterra no início de Setembro, mas envolveu-se numa controvérsia por causa das ferramentas a que recorreu para promover esse “dever moral” — nas palavras do primeiro-ministro, Boris Johnson. Gavin Williamson, ministro da Educação, quis reforçar a mensagem do primeiro-ministro e citou um estudo da Saúde Pública de Inglaterra (PHE), agência do Ministério da Saúde, que mostra que o risco de transmissão do vírus SARS-CoV-2 é bastante reduzido entre crianças.

“O último estudo do PHE — um dos mais extensos do mundo sobre o coronavírus nas escolas — deixa bem claro que há poucos indícios de que o vírus seja transmitido na escola”, destacou Williamson, no domingo.

O estudo em causa teve como objecto de investigação alunos das creches e escolas primárias inglesas, reabertas em Junho. Em cerca de 9 mil crianças, apenas seis tiveram testes positivos para o novo coronavírus e não há indícios de que estas tenham sido infectadas umas pelas outras.

O ministro britânico foi, no entanto, criticado por mencionar apenas as conclusões positivas do estudo, de forma a sustentar a posição política do executivo. É que a mesma investigação refere que os índices de contágio entre alunos do ensino secundário — dos 11 aos 16 anos, no sistema de ensino britânico — são muito semelhantes aos das pessoas em idade adulta. Elevados, portanto.

“Os jovens do secundário têm mais probabilidades de serem infectados, de terem uma infecção silenciosa, de transmitirem a infecção e de ficarem doentes”, revelou ao *Times* uma fonte da PHE. “Há uma preocupação genuína de que as crianças do secundário não sejam iguais às da escola primária [na transmissão do vírus]. Assim que o controlo comunitário da covid-19 se perder, poderemos ver surtos nas escolas secundárias.”



Governo não está a ponderar testes de rotina e máscaras nas escolas

Reabertura na Alemanha marcada por novas infecções

O reinício das aulas na Alemanha dá-se após um intenso debate sobre as regras a seguir por causa da pandemia e quando as autoridades de Saúde estão preocupadas com o aumento do número de casos diários. Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental e Hamburgo foram os primeiros a recomendar as aulas, suspensas ao quarto dia num liceu de Ludwigslust, depois de vários professores infectados. Em Rostock, um aluno de uma escola básica teve um teste positivo e 67 colegas e professores foram postos em quarentena. No estado de Schleswig-Holstein, uma escola básica encerrou depois do teste positivo de uma professora, mas reabriu hoje para todos os anos com a excepção de um. Outra escola registou um caso ligado a esta (irmã de um aluno infectado), e dois anos viram as aulas suspensas. Em Hamburgo detectaram-se infecções num liceu e numa escola básica, e ainda um caso potencial noutra liceu, levando à suspensão das aulas para alguns anos. **M.J.G.**

A PHE dividiu as crianças entre menores e maiores de dez anos de idade e identificou níveis de contágio mais elevados no segundo grupo.

Os cientistas ouvidos pelo *Times* assumem ter ficado incomodados com a forma como o Governo apresentou o estudo à opinião pública. Não só por ter omitido uma parte relevante do mesmo, como pelo facto de ter conhecimento de que a investigação ainda está em curso. Os resultados preliminares só estão previstos para a próxima semana e os finais apenas no Outono.

Pressionado pelas críticas, o Governo mandou o secretário de Estado da Saúde para esclarecer as palavras do ministro da Educação. À Sky News Edward Argar assumiu que o estudo “ainda não está completo”, pelo que o Governo deve ser “cauteloso” a “retirar conclusões”. Mas, “com base nos estudos já concluídos e comparáveis internacionalmente, estamos confiantes de que crianças e jovens apresentam bastante menos riscos do que os adultos”, afirmou.

O primeiro-ministro, Boris Johnson, garantiu que Downing Street vai fazer tudo para evitar novos surtos, mas que não tenciona mudar de planos. Até porque está “muito impressionado com a forma como as escolas ficaram preparadas”. “Temos de garantir que não temos uma segunda vaga e que fazemos tudo para a evitar”, reagiu, citado pelo *Guardian*. “Vamos ter as escolas abertas e vamos manter a disciplina. As escolas têm planos pensados para gerir a situação.”

antonio.lima@publico.pt

Eleições nos EUA: Joe Biden escolhe senadora Kamala Harris para “vice”

Presidenciais
Alexandre Martins

Harris, de 55 anos, era a favorita entre as mulheres que o candidato do Partido Democrata entrevistou nas últimas semanas

Já se sabia que o candidato à Casa Branca pelo Partido Democrata, Joe Biden, ia escolher uma mulher para o acompanhar como candidata à vice-presidência nas eleições de Novembro, mas os recentes protestos anti-racismo nos Estados Unidos levaram-no a apertar ainda mais os seus critérios de selecção. A decisão, anunciada ontem, veio desfazer as poucas dúvidas que ainda existiam: a primeira mulher negra nomeada por um dos dois maiores partidos norte-americanos como candidata a “vice” é Kamala Harris, uma senadora da Califórnia que concorreu às primárias do Partido Democrata e que chegou a acusar Joe Biden de colaborar com políticos racistas e segregacionistas.

Aos 55 anos, Harris tem no currículo uma carreira de quase 30 anos como advogada e procuradora na Califórnia, que culminou com a sua eleição para dois mandatos como procuradora-geral do estado, entre 2011 e 2017.

Nas eleições de Novembro de 2016 — as mesmas que ditaram a vitória de Donald Trump contra Hillary Clinton —, Kamala Harris foi eleita senadora da Califórnia, e foi a partir de aí que



Kamala Harris vai no segundo mandato como senadora

saltou para a política nacional. Para além das suas promessas de luta contra as políticas anti-imigração de Trump, Harris destacou-se pelos questionários a nomes ligados ao Partido Republicano, em comissões de inquérito e audiências para nomeações.

As suas perguntas, que faziam lembrar os questionários dos advogados de acusação nos tribunais, valeram-lhe reprimendas de senadores como John McCain, do Partido Republicano, que lhe pediu, em 2017, para ser mais comedida numa audiência ao então procurador-geral adjunto, Rod Rosenstein.

No ano seguinte, Kamala Harris protagonizou, com o senador Cory Booker, também do Partido Democrata, alguns dos momentos mais tensos nas audições ao juiz Brett Kavanaugh, nomeado pelo presidente Trump para o Supremo Tribunal e acusado de abusos sexuais por antigas colegas de universidade.

Em Junho do ano passado, já como candidata à nomeação pelo Partido Democrata, Harris acusou Joe Biden de ter colaborado com senadores racistas do Partido Republicano na década de 1970.

Numa troca de palavras que muitos viram como um obstáculo à sua escolha para candidata a “vice” assim que Biden garantiu a nomeação, Harris confrontou o agora seu líder de campanha com a oposição do então jovem senador às políticas que tinham como objectivo forçar o fim do segregacionismo nas escolas públicas norte-americanas.

Mas o seu nome saltou para o topo das favoritas no início do Verão, na sequência dos protestos anti-racismo que se seguiram ao homicídio de George Floyd por um polícia branco, em finais de Maio.

Isso e o facto de Biden ter dado a volta a uma derrota quase certa contra o senador Bernie Sanders nas primárias, em finais de Fevereiro, com uma vitória avassaladora na Carolina do Sul graças ao eleitorado negro, tornou quase inevitável a escolha de uma mulher negra como candidata à vice-presidência.

Numa primeira reacção, na rede social Twitter, Kamala Harris referiu-se a Joe Biden como um futuro Presidente que vai pôr os EUA “à altura dos seus ideais” e disse sentir-se “honrada” com a escolha.

alexandre.martins@publico.pt